

Balé virtual, um rito do nosso tempo

Isabelle Choiniere mostrou em Londrina o balé da aldeia global

Maurício Arruda Mendonça

Especial para a Folha 2

Sentados no teatro Nucleo I, os ecos amplificadores de gotas de água sugerem uma caverna, quem sabe a caverna de Platão. Isabelle Choiniere inicia sua performance "Communion" e o espaço se torna simultaneamente um útero, uma câmara escura e um monitor. Conectamos nossos sentidos às batidas do coração, à respiração ofegante, à voz-música visceral da performer. Ela parece a heroína do filme "Metropolis" de Fritz Lang, levantando entre telas que desmaterializam seu corpo. É um pas-de-deux virtual que nos remete a uma dura questão contemporânea: nossos sentidos estão definitivamente afasiados do contato

direto com a realidade. É que, hoje em dia, temos mais tecnologias de informação intermediando nossas experiências perceptivas e ficamos perplexos em face do achatamento do tempo, do excesso de circunstâncias que se tornam presentes num piscar de olhos (vide CNN). Mas as imagens que desfilam diante de nós simulam a tela de uma TV fora do ar. As cores, a alucinação dos "Paraisos Artificiais" lísergicos. A velocidade visual instantânea contrasta com os movimentos calmos e lentos de Choiniere, que interroga a esfinge da tecnologia: como utilizar a eletrônica e preservar nossa emoção?

"Communion" – em duas apresentações no fim de semana em Londrina – foi um espetáculo único não só por sua marcante diferença, mas também pelas opiniões divergentes que despertou. Houve quem achasse que faltou um maior desempenho físico de Isabelle, já que se tratava de dança. Houve quem achasse os trabalhos infográficos chocantes. E houve quem não entendesse muita coisa, procurando os velhos referenciais tema, trama, enredo. Para mim, em "Communion" os espectadores são a tela. Como filmes fotográficos fomos sensibilizados pela luz. Em minhas retinas mentais duas imagens ainda persistem: um rosto e um corpo em grandes dimensões vão sendo diminuídos lentamente e desaparecem num único ponto. O mesmo ponto igual aos infinitos pontos que formam as imagens no tubo catódico da TV.



Mazzo
Isabelle Choiniere: arte e tecnologia

FOFHA DE LONDRINA

O JORNAL DO PARANÁ®